



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA LUCIANE DOS SANTOS NASCIMENTO

**AS FACES VELADAS DA VIOLÊNCIA SOCIAL: UMA PROPOSTA
PARA O ENSINO MÉDIO**

João Pessoa

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA LUCIANE DOS SANTOS NASCIMENTO

**AS FACES VELADAS DA VIOLÊNCIA SOCIAL: UMA PROPOSTA
PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do
grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josete Marinho de Lucena

João pessoa

2019

Catálogo na publicação

Seção de Catalogação e Classificação

N244f Nascimento, Maria Luciane Dos Santos.

AS FACES VELADAS DA VIOLÊNCIA SOCIAL: UMA PROPOSTA PARA
O ENSINO MÉDIO / Maria Luciane Dos Santos Nascimento.

- João Pessoa, 2019.
37 f.

Orientação: Josete Marinho de Lucena.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. língua e literatura. 2. projeto didático. 3.
Ensino Médio. I. Lucena, Josete Marinho de. II. Título.

UFPB/CCHLA

MARIA LUCIANE DOS SANTOS NASCIMENTO

**AS FACES VELADAS DA VIOLÊNCIA SOCIAL: UMA PROPOSTA
PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da
Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau
de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

João Pessoa, 08 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA



ORIENTADOR (A)

PROF^a DR^a JOSETE MARINHO DE LUCENA
(UFPB/CCHLA/DLPL/MPLE)

EXAMINADOR 1

PROF^a DR^a ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESVAEL
(UFPB/CCHLA/DLPL/MPLE)

EXAMINADOR 2

PROF^a DR^a FERNANDA BARBOZA DE LIMA
(UFPB/CCAIE)

MEMBRO SUPLENTE

PROF^a DR^a ALYERE SILVA FARIAS
(UFPB/CCHLA/DLCV/PPGL)

Dedico este trabalho de conclusão de curso a meu pai, a minha mãe, a minha avó e ao meu filho que foram cruciais na minha formação enquanto filha, neta e mãe. Pessoas que desde cedo me ensinaram a não desistir da luta, pois apesar de ser dura pode trazer frutos valiosos, os quais nunca poderão ser retirados de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus que me proporcionou energia para concluir esse trabalho.

Aos meus pais que sempre me incentivaram.

À minha amiga Suelen Oliveira, pessoa especial, que sempre me ajudou e incentivou a não desistir de meus objetivos.

À minha orientadora, Josete Marinho, que apesar de todas as dificuldades pelas quais passei até concluir este trabalho não desistiu de mim.

Aos membros que compuseram a banca de defesa pela disponibilidade em participar e contribuir com este trabalho.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma cooperaram para a conclusão dessa etapa tão importante em minha vida.

Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna a pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive (COSSON, 2014, p.33).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta didática para os alunos do 1º ano do ensino médio no município do Conde- PB considerando a indissociabilidade entre língua e literatura. Dada as dificuldades que os alunos apresentavam em relação à leitura e à escrita durante o diagnóstico realizado na escola consideramos pertinente desenvolver um material que permitisse aos professores diante de suas limitações aplicá-lo em sala de aula. Para isso, utilizamos uma pesquisa bibliográfica que teve por base os estudos de Rolla e Flores (2001), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 1998;2001), a lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Lerner (2002), Francelino (2010), Silva (2010) e Cosson (2014). Além disso, adotamos o *método recepcional* (BORDINI; AGUIAR, 1993) como aliado no desenvolvimento do projeto didático “As faces veladas da violência social”, tendo em vista que baseado na *Estética da Recepção* este método pressupõe a participação ativa dos discentes e o texto como atores principais em sala de aula. Concluimos assim, que teorias como a *Estética da Recepção* são de grande valia para a prática do professor em sala de aula posto que é a partir delas que podemos refletir sobre as metodologias adotadas, a adequação do conteúdo as necessidades dos alunos e o planejamento escolar de modo que possamos repensar e contribuir para o ensino da literatura, da leitura e da escrita na escola.

Palavras-chave: língua e literatura, projeto didático, Ensino Médio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO.....	11
2. A TEORIA EM SALA DE AULA: o que é o <i>método recepcional</i> ?.....	16
3. UMA PROPOSTA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: projeto didático “as faces veladas da violência social”	19
3.1 DIAGNÓSTICO REALIZADO EM UMA ESCOLA DE REDE ESTADUAL DO MUNÍCIPIO DO CONDE – PB.....	19
3.2 PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DO <i>MÉTODO RECEPCIONAL</i>	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICES.....	32

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de elaborar uma proposta didática a ser aplicada em uma escola da rede estadual no município do Conde – PB¹. Dada as dificuldades dos discentes no que concerne à leitura e à escrita e a inércia em relação aos conteúdos lecionados, era necessário fazer algo. Assim sendo, elaboramos um projeto didático unindo língua e literatura visando melhorar as dificuldades apresentadas pelos discentes.

No diagnóstico realizado na escola percebemos que os problemas iam além da sala de aula, pois a escola está inserida em um contexto de violência, no qual já houve casos de aluno matar outro, alguns inclusive já foram internos do CEA (Centro Educacional do Adolescente) além de casos de agressões físicas. Não nos admira que durante o diagnóstico a sondagem feita com os alunos sobre os assuntos do seu interesse tenha sobressaído o tema da violência. Desta maneira, foi necessário que escolhêssemos uma metodologia que permitisse esses alunos se expressarem, que considerasse suas vivências e ao mesmo tempo permitisse o docente trabalhar o texto literário e consequentemente a língua, ampliando o repertório de leitura dos alunos ao passo que despertasse seu interesse pela literatura.

Diante das problemáticas que permeiam o ambiente escolar julgamos imprescindível que os estabelecimentos de ensino em parceria com os professores primem por metodologias adequadas a realidade dos discentes de modo que possam tornar a aprendizagem desses, mais eficaz. Assim sendo, optamos neste trabalho pelo *método recepcional* (BORDINI; AGUIAR, 1993) que é orientado pela *Estética da Recepção* e que propõe uma abordagem do texto literário em sala de aula promovendo uma participação ativa dos alunos e proporcionando uma intensa troca de saberes entre professor e aluno permitindo que todos sejam detentores da palavra.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, trata das dificuldades vivenciadas pelos professores no que concerne as aulas de língua portuguesa no Ensino Médio buscando compreender como são visualizadas essas dificuldades no cotidiano escolar, entendo para tanto, que os problemas vão além dos muros da escola, pois permeiam as dificuldades na implantação de políticas públicas bem como a desvalorização dos profissionais da educação no Brasil.

¹ Para preservar a escola não citaremos seu nome neste trabalho.

O segundo capítulo, por sua vez, discorre sobre uma metodologia que considera os problemas enfrentados pelo professor no que se refere as dificuldades na leitura, na escrita e na participação em sala de aula, colocando os alunos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem de modo que os façam se perceber como protagonistas de seu aprendizado. Para tanto, sugere-se o *método recepcional* como aliado do professor na construção desse sujeito crítico que saiba seus deveres e possa questionar e exigir seus direitos estando, portanto, apto a viver em sociedade.

O terceiro e último capítulo traz a proposta de um projeto didático a ser aplicado em uma escola estadual, localizada no município do Conde – PB. De início foi feito o diagnóstico, percebendo quem era o alunado que frequentava aquela instituição escolar e quais os recursos físicos e materiais que a escola dispunha para aplicação do projeto pelo professor. Posteriormente, fizemos uma sondagem com os alunos para saberem sobre temas que tinham interesse. O tema eleito pelos alunos foi o da violência e a partir dele construímos o projeto didático “As faces veladas da violência social”, visando uma posterior aplicação do projeto em sala de aula.

1. A AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Acreditamos que o ensino de língua portuguesa deve trabalhar indissociavelmente língua e literatura, pois, afinal, não tem como refletir sobre um texto literário sem ao mesmo tempo estarmos trabalhando a língua. Apesar dessa indissociabilidade, ainda existem escolas, principalmente as da rede privada, que têm professores para lecionar a disciplina de gramática e outro para a literatura. No entanto, na maioria das escolas brasileiras, o professor de língua portuguesa leciona apenas uma disciplina, tendo que lidar com esses eixos que apesar de serem colocados como divergentes, são intrínsecos. Rolla e Flores (2001, p.27) corroboram a ideia de que o ensino da língua materna deve priorizar o texto, mesmo antes da alfabetização. Para as autoras, é preciso que:

[...] o professor selecione textos para seus alunos, tentando não lhes oferecer apenas materiais de leitura empobrecidos. Recomenda-se que haja maior preocupação com o texto e com a construção de sentido a partir dele. Dessa forma, o processo de alfabetização deve passar a ser, já que ainda não é, o espaço em que o aluno seja incentivado a ler e escrever, mesmo antes de dominar a escrita convencional.

Dessa maneira, na formação de leitor, escritor e intelectual autônomo é preciso dar possibilidades aos discentes, fazendo-os compreender como funciona a sua língua. Para isso, é preciso garantir que os alunos leiam e escrevam desde cedo bem como possam usá-las nas mais diversas situações comunicativas.

Percebemos que mesmo diante dos recursos metodológicos e teorias sobre o ensino desenvolvidas até o momento, as metodologias empregadas pelos professores em sala de aula não abrem espaço para as conversas, debates, discussões, reflexões, para que os alunos possam explanar seus pontos de vistas, pois apenas o professor é detentor da palavra. Assim sendo, as aulas são resumidas ao estudo incessante de regras gramaticais, as quais os alunos não apreendem, e todos se perguntam o porquê, já que do Fundamental ao Ensino Médio é o conteúdo mais visto. Não que o estudo da norma culta da língua não seja importante, mas nas salas de aula percebemos que ele é feito de maneira descontextualizada e como os discentes não encontram sentido para essas regras no texto, pois seu estudo se resume a frases feitas, os alunos continuam a não entendê-las e ininterruptamente a escrever textos repletos de desvios gramaticais.

Sendo assim, o desafio nas escolas é “formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem” (LERNER, 2002, p. 27). No entanto, sabemos que esse não é um desafio fácil posto que poucos são os alunos que sabem ir além da decifração do código. E não raros são aqueles que terminam o Ensino Médio sem saber ler (no sentido de decifrar o código) e escrever de acordo com a norma padrão.

Dada as diversas dificuldades que permeiam o ensino nas escolas, cabe ao professor em parceria com a escola buscar o planejamento como meio de pensar objetivamente o ensino. Para isso, deve-se buscar meios mais adequados para alcançar a aprendizagem de maneira objetiva partindo dos aspectos próprios da realidade dos alunos como sinaliza a legislação sobre ensino no Brasil. Em 1998, os Parâmetros curriculares Nacionais (PCN's) já reconheciam a importância de olhar as necessidades dos discentes para ir além da classificação:

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos (BRASIL, 1998, p.29).

Nas aulas de língua portuguesa, portanto, não devemos priorizar a classificação, mas trabalhar a gramática a partir das necessidades que os discentes apresentam na produção escrita, na leitura e na escuta de textos buscando meios para sanar as dificuldades apresentadas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 26, ratifica:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (LDB, ART. 26, 1996).

Sendo assim, é imprescindível que as escolas definam concomitantemente o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica bem como que cada instituição tenha uma parte que se adeque as peculiaridades das regiões e locais em que estão localizadas, respeitando a sociedade, a cultura e a economia em que estão inseridos os educandos e os estabelecimentos de ensino.

Desde 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais preconizam um ensino que seja pautado na língua falada, na leitura, na escrita e na análise linguística.

Se levarmos em consideração que “[...] as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente” (BRASIL, 2001, p.22), percebemos que os estabelecimentos de ensino ao

criarem um abismo entre o trabalho com a leitura, a escrita e a análise linguística estão perdendo a oportunidade de a terem como aliada no processo de desenvolvimento da capacidade linguística dos discentes, de maneira que

Se o objetivo principal do trabalho de análise e reflexão sobre a língua é imprimir maior qualidade ao uso da linguagem, as situações didáticas devem, principalmente nos primeiros ciclos, centrar-se na atividade epilinguística, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística. E, a partir daí, introduzir progressivamente os elementos para uma análise de natureza metalinguística. O lugar natural, na sala de aula, para esse tipo de prática parece ser a reflexão compartilhada sobre textos reais (BRASIL, 2001, p. 39).

Dessa forma, nos primeiros ciclos o trabalho com a língua deve estar voltado para seu uso nos diferentes contextos, e nos anos posteriores para atividades que possibilitem falar sobre a língua, de modo a descrever, categorizar e sistematizar os elementos linguísticos, utilizando para isso textos que circulem em nossa sociedade, com os quais os alunos tenham ou possam vir a ter contato em seu cotidiano. Assim, o estudo da língua começará a fazer sentido, terá uma finalidade finalmente visível para esses alunos.

Sabemos que muitas vezes as aulas de literatura no Ensino Médio se restringem ao estudo das escolas literárias negando ao aluno o direito de ter experiências literárias enriquecedoras. Quando o propósito não é esse, o texto literário é usado como pretexto para ensinar regras gramaticais em detrimento da leitura integral, apreciação e reflexão sobre o escrito. Para Délia Lerner (2002, p.22) “o desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam ‘decifrar’ o sistema da escrita”.

Outro aspecto que envolve o ensino de língua portuguesa são as aulas guiadas pelo livro didático. Nesses livros encontramos contos, crônicas, poemas, trechos de obras literárias, entre outros. Esses textos, muitas vezes sequer são lidos pelos alunos. Sob essa ótica, os textos literários se resumem a pretextos para ensinar a Gramática Tradicional (GT). Diante disso Irandé Antunes (2009, p.19) afirma:

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas.

Nessa perspectiva, o texto é analisado gramaticalmente por meio de palavras e frases. Dele, o professor pede para retirar os verbos, os sujeitos, o predicado, os advérbios, entre outros, não deixando espaço para estudar o sentido do texto no todo.

Essa concepção de ensino vem há tempos na contra mão ao que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) vem defendendo nas escolas. É necessário que o texto seja ator

principal nas salas de aulas. Para isso, precisa-se de um professor comprometido com o ensino e que além de incentivar e acreditar em seus alunos os queira como agentes de seu aprendizado.

Por terem uma concepção interacionista e discursiva da língua, os PCN's defendem a participação ativa do aluno:

O domínio do diálogo na explicitação, discussão, contraposição e argumentação de idéias é fundamental na aprendizagem da cooperação e do desenvolvimento de atitude de autoconfiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro (BRASIL, 1997, p.37).

É necessário que o aluno possa argumentar, opinar, debater junto com o professor em sala de aula e que perceba na literatura uma forma de pensar criticamente sobre o mundo em que vive. Nesse aspecto, a produção de materiais didáticos que primem pela leitura e reflexão do texto literário são de grande valia no incentivo à leitura, à escrita. Desse modo, podemos contribuir para formar sujeitos capazes de pensar criticamente e agir como verdadeiros cidadãos na sociedade manuseando de modo confiante a língua. Sujeitos esses que possam saber de seus deveres e exigirem seus direitos usando sua língua proficientemente nas diversas situações comunicativas. Assim sendo, é indispensável considerar que o ensino na escola:

[...] vai muito além de despertar o gosto para a leitura, pois fazer nosso aluno ler um conto ou um poema é antes de tudo fazer compreender que nesse ato pode haver descoberta, prazer, conhecimento e mudança, provocações que embaralham e desconcertam todas as nossas certezas e convicções. (SEGABINAZI, 2001, p. 100)

Nesse processo, o docente tem um papel muito importante, pois fará o papel de mediador entre o leitor e o texto, assim como ajudá-lo em suas reflexões. Dizemos isso, porque se considerarmos o perfil dos alunos que frequentam as escolas públicas brasileiros, sabemos que vem de uma família humilde que não entende a importância do incentivo à leitura, pois se trata de pessoas que muitas vezes não aprenderam a ler e escrever. Sendo assim, é nas escolas que esse aluno terá o primeiro contato com os livros, principalmente com os textos literários. Essa intermediação, portanto, será feita pela escola. Assumir um compromisso como esse é no mínimo desafiador já que o ato de ler é um processo complexo que exige algumas competências do leitor. Para Francelino (2010, p.38):

A leitura é uma atividade constitutivamente interativa e extremamente complexa de produção de sentidos que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Por ser um processo complexo para que o contato do aluno com o texto resulte em experiências enriquecedoras é necessária uma mediação efetiva e já que os pais dos discentes não possuem o conhecimento necessário para fazer essa intermediação desde os primeiros anos, a escola juntamente com o professor tem então um papel muito importante nisso. Ambientes

adequados para a leitura como bibliotecas são importantes, mas para que dê certo o professor precisa ser conhecedor desse processo, pois como dizer para meu aluno que ele deve ler e escrever bem se eu não faço parte disto. Para o Francelino (2010, p. 54): “O professor é aquele que, primeiramente, deve assumir essa mentalidade, tornando-se um leitor competente e um agente multiplicador dessa visão, para só então, apresentar-se apto a propiciar ao seu aluno condições de vivenciar o papel de leitor competente”. Dessa maneira o professor se constitui como o principal incentivador no processo de formação do leitor, no entanto, só poderá formar leitores competentes se ele também for esse leitor.

Neste trabalho propomos atividades escritas e orais. Estas últimas podem dar resultados interessantes e são tão importantes quanto as escritas, pois podem proporcionar autoconfiança aos alunos, já que esses podem se sentir livres para manifestar seus pensamentos. Apesar dessas vantagens:

Não temos, infelizmente o hábito de realizar atividades oralizadas em nossas escolas em geral, e isso nos desfavorece também no sentido de que perdemos oportunidade de analisar tantas outras formas de construção de ideias e de argumentação tão válidas quanto o são na forma escrita (SILVA, 2010, p. 130)

Dentre as atividades oralizadas está a leitura em voz alta que é muitas vezes vista como desperdício de tempo, tendo em vista as dificuldades dos alunos na leitura. Todavia, no escanteamento dessa prática de leitura impede-se que o aluno que possua mais dificuldades possa escutar a leitura do professor e dos colegas de sala e assim aperfeiçoar seu aprendizado, percebendo as entonações, as pausas e a pronúncia de algumas palavras por ele desconhecidas, ampliando seu vocabulário e ajudando-o também no ato da escrita. Quando a escola não se abre espaço para as diferentes práticas de leitura seja em voz alta, a leitura silenciosa, a leitura compartilhada está esquecendo que “ler é construir o sentido de um texto” (COSSON, 2014, p. 38”) e mais ainda “ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade” (COSSON, 2014, p.39). Dessa maneira, percebemos que a leitura, mais especificamente, a leitura do texto literário possibilita que o aluno compreenda o mundo em que vive e o questione bem como pode contribuir no processo de escrita dos discentes. No próximo capítulo iremos tratar sobre a importância da teoria para a prática do professor e apresentar o *método recepcional* como uma alternativa para trabalhar o texto literário em sala de aula.

2. A TEORIA EM SALA DE AULA: o que é o *método recepcional* ?

O déficit na leitura e na escrita vivenciado nas escolas brasileiras é justificado através do desinteresse dos alunos pela leitura e pela escrita na escola. Todavia, esse não é um problema tão simples que possa ser resumido apenas nesses três aspectos. Cabe dizer que as dificuldades são encontradas em sala, mas não se originam nela, fatores externos também devem ser considerados, como a má infraestrutura das instituições, a desvalorização dos professores, casos de agressões físicas e psicológicas aos professores e alunos, falta de estrutura familiar, a fome, doenças psicológicas, entre muitos outros que nestas páginas não seria suficiente para descrever.

Além disso, existe uma crença muito prejudicial ao ensino que é a de que a teoria não serve na prática, posto que devido a tantos problemas enfrentados, o professor não visualiza como poderiam aplicar o que aprenderam nos cursos de licenciatura na escola. Isto é um pensamento totalmente equivocado sobre o processo de ensino, já que até mesmo aquele professor que se mantém apegado ao quadro, o giz / piloto e ao livro didático possui uma concepção mesmo que não saiba de ensino, de língua, leitura e de literatura. É certo que a prática também traz bastante conhecimento para o professor, mas é só por meio da teoria que ele conseguirá colocar em prática o conhecimento adquirido, e se reconhecer a sua importância poderá tornar sua prática bem mais enriquecedora colhendo bons frutos no futuro.

Diante disso, este trabalho será desenvolvido como forma de incentivar a leitura e a escrita dos discentes. Para tanto, trará uma abordagem teórico-metodológica e um projeto didático que permita ao professor, diante das suas limitações, aplicá-lo em sala de aula.

No desenvolvimento deste projeto didático, nos pautamos no *método recepcional*, já que este “[...] funda-se na atitude participativa do aluno em contato com diferentes textos (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 85). O método foi elaborado pelas autoras Aguiar e Bordini (1993) e traz uma proposta de como trabalhar o texto literário em sala de aula e como já mencionado neste trabalho, é baseado na *Estética da Recepção*.

Essa teoria surgiu na década de 1930, com os teóricos Roman Ingarden e Felix Vodicka e foi reformulada mais tarde Hans R. Jauss e Wolfgang Iser. Esses últimos acrescentaram à teoria a ideia de que “[...] para a concretização do ato de leitura há o preenchimento dos vazios (os pontos de indeterminação) por parte do horizonte de expectativas do leitor” (SEGABINAZI, 2013, p.02). Desse modo, o sujeito, no processo da leitura leva a sua visão de mundo, suas emoções, conhecimentos, cultura, entre outros aspectos, que servirão para preenchimento das

lacunas que o texto vier a deixar. Assim sendo, o processo de leitura começa antes de o leitor ter contato com o texto. Esse processo, no entanto, é uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que o leitor preenche as lacunas com suas vivências é também preenchido pelos novos conhecimentos que o texto o apresenta. Trata-se na verdade, de uma troca, a qual possibilita o leitor ampliar os limites que permeiam seu horizonte de expectativas.

Para a *Estética da Recepção* “[...] a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no agora estudada”. (AGUIAR; BORDINI, 1993, p.81). Sendo assim, ao longo dos séculos uma obra adquire novos sentidos devido aos novos estudos feitos sobre ela e o contexto histórico em que o leitor está inserido, mas além disso, as vivências desse leitor, seu repertório de leitura, a “bagagem” cultural também influenciam na leitura que ele irá fazer da obra, pois as lacunas que o texto deixar serão preenchidas a partir dessas vivências.

Portanto, partindo da *Estética da Recepção*, o método recepcional é eminentemente social, pois pensa o sujeito em constante interação com os demais. Dessa maneira, os alunos são concebidos como sujeitos da história de modo que estão atuando constantemente sobre ela. Assim, são vistos como indivíduo socialmente ativos, de modo que o poder da palavra não é concedido exclusivamente ao professor, mas também ao aluno. A ele, é permitido falar/opinar/escolher por isso, a temática a ser trabalhada no projeto didático partiu de seus interesses, experiências de vida e interesses.

A seguir, apresentamos a partir de Bordini e Aguiar (1993), a definição das etapas que compõem o *método recepcional*, permitindo que o professor perceba o que se espera de cada uma dessas etapas:

- **Primeira etapa – Determinação do horizonte de expectativa**

A maneira mais adequada de *determinar o horizonte de expectativas* dos discentes é por meio da sondagem. Por meio dela podemos saber os assuntos de interesse dos alunos, o nível de leitura e escrita dos discentes, os recursos que a escola dispõe, entre outros aspectos. Para isso, podemos aplicar um questionário, trazer várias obras que abordem temas diversos, apresentar gêneros discursivos e literários, observar conversas e o ambiente escolar como todo. Após apresentarmos diversas temáticas para os alunos, estes podem escolher qual temática será trabalhada em sala e a partir disso, o professor começará a elaborar o projeto.

- **Segunda etapa – Atendimento do horizonte de expectativa**

Nesta etapa, o professor deve instigar os alunos a conhecerem um pouco mais sobre o tema escolhido. É importante que neste momento o próprio discente vá em busca de informações, percebendo assim a mudança na metodologia do professor. Assim, poderá trazer para a sala de aula gêneros que fazem parte do cotidiano dos discentes: gravuras, vídeos, música, jornais, revistas, reportagens, entre outros. É um bom momento para que a biblioteca da escola seja usada, caso seja necessário. Além disso, a medida em que pesquisam e compartilham o que encontraram, e são ouvidos na classe pelos colegas e pelo professor, os alunos atendem seu *horizonte de expectativas* porque notam que o seu posicionamento em sala é importante e possui uma finalidade.

- **Terceira etapa – Ruptura do horizonte de expectativas**

O objetivo desta etapa é promover o contato dos alunos com gêneros que não estão tão presentes em seu cotidiano para que ocorra a *ruptura do seu horizonte de expectativas* e ao mesmo tempo ampliando seu repertório de leitura. Entre os gêneros que podemos apresentar temos: pinturas históricas, textos teatrais, charges, contos, romances, entre outros. É importante que os alunos percebam que os autores manuseiam a língua conforme seus propósitos comunicativos, podendo assim utilizar tanto a modalidade mais formal quanto a coloquial.

- **Quarta etapa – Questionamento do horizonte de expectativa**

Neste momento os discentes devem se questionar sobre tudo que foi visto até o momento fazendo para isso correlações entre todos os textos já vistos. O professor poderá fazer uma discussão na classe sobre a importância da língua portuguesa em nossas vidas e sobre as diversas formas de comunicar.

Quinta etapa – Ampliação do horizonte de expectativa –

Na última etapa, os alunos se auto avaliam, compartilhando em que momento tiveram mais dificuldades. Além disso, podem discutir e eleger um tema a ser trabalhado nas aulas posteriores reiniciando assim o método.

Por estarmos cientes que muitos professores não conhecem o *método recepcional*, trouxemos essa breve explanação sobre cada etapa para que caso o professor se interesse em elaborar seja uma sequência didática ou um projeto didático possa encontrar neste trabalho um norte para começar.

3. UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO: projeto didático “as faces veladas da violência social”

Pensando nas questões elencadas ao longo deste trabalho, elaboramos um projeto didático com a temática da violência social, abordando para isso, gêneros da esfera literária e de diferentes linguagens. A temática, como prever, o *método recepcional*, foi escolhida pelos alunos do 1º ano do ensino médio, de uma escola localizada no município de Conde, que ao falarem sobre os assuntos que mais detinham interesse, citaram os noticiários de jornal televisivo, os quais falam sobre a criminalidade. Nesses jornais saem muitas notícias sobre o município do Conde, pois a localidade apresenta altos índices de violência. Dessa maneira, como forma de fazer os discentes perceberem que a literatura apresenta e reflete sobre assuntos da sociedade, mesmo que por meio de alegorias e uma linguagem metafórica, foram selecionados textos pelo professor, considerando os gostos e respeitando as etapas e objetivos do *método recepcional*, como forma de despertar o interesse dos alunos pela leitura e mais especificamente, pelo texto literário.

Com o projeto, pretendemos apresentar tanto textos que fazem parte da vivência dos alunos quanto aqueles que possam fazê-lo refletir sobre a realidade em que vivem e fazê-los compreender que a violência vai muito além daquela apresentada pela televisão, eles vivem no meio dela todos os dias e sequer percebem que estão sofrendo com ela diariamente. Na discussão dessa temática, o texto literário se torna essencial, pois permite reflexões e leituras diversas fazendo-o o discente pensar sobre ele mesmo e o meio em que vive.

O objetivo geral do projeto didático é estimular o interesse dos alunos pela literatura e incentivar a ampliação do repertório de leitura através de temas relacionados a violência social. Os objetivos específicos são: desenvolver a oralidade a partir de discussões, debates, participações ler e compreender diferentes gêneros, relacionar assuntos abordados por diferentes gêneros e realizar atividades práticas de leitura e escrita, conforme apêndice A.

3.1 Diagnóstico realizado em uma escola de rede estadual do município do Conde -PB

Fizemos inicialmente um diagnóstico da escola e dos alunos observando os recursos que a escola dispunha e as conversas em sala de aula. A escola possui 15 salas, 34 professores 1 laboratório de informática, datashow, 2 televisões, 3 supervisores, e atende a aproximadamente 1 000 alunos do Ensino Médio. Percebemos então, que a escola apresenta uma estrutura física considerável se usarmos como parâmetros outras escolas de rede pública. Sabemos que os

recursos que citamos aqui são muito importantes para o auxílio no trabalho do professor. Conhecer os recursos físicos que a escola possui permite que o professor planeje de maneira mais assertiva o que dará mais probabilidade do que foi planejado dar certo.

Solicitamos ainda no diagnóstico que os discentes descrevessem em uma folha os assuntos que lhes despertavam interesse quando estão em frente à televisão. Dessa forma, conseguimos deixar os alunos mais abertos a falarem sobre seus gostos e experiências bem como podemos verificar a grande dificuldade que eles apresentam com relação à leitura e à escrita. Sendo assim, o professor partirá neste projeto da vivência desses alunos e como a televisão é algo presente na vida da maioria de nós, pode ser uma ferramenta importante no diagnóstico desses interesses. Nessa reflexão, pedimos que os alunos pensassem em temas relacionados aos jornais locais e nacionais, séries, filmes, novelas, entre outros. Neste caso, alguns interesses foram mencionados como filmes, séries e músicas e a temática mencionada pelos alunos foi a violência, a qual norteará, portanto, o desenvolvimento deste projeto didático. Sendo assim, partimos então para o que foi planejado em cada etapa do método escolhido para o desenvolvimento do projeto didático.

3.2 Proposta didática a partir do *método recepcional*

A) Primeira etapa – Determinação do horizonte de expectativa

Como esta primeira etapa é o momento da sondagem trazemos como sugestão (optamos por um diagnóstico neste trabalho) a realização de um diagnóstico da escola e dos alunos do 1º ano do Ensino Médio considerando a localidade em que a escola está inserida, as suas limitações estruturais, pensando nas seguintes questões: que escola é essa que estou buscando desenvolver essa proposta? Quem são os discentes com os quais irei desenvolver este trabalho? Além disso, deve-se atentar para os recursos que a escola dispõe. Para isso, podemos fazer observar as conversas dos alunos em sala, abrir uma roda de conversa ou se aplique um questionário como foi realizado neste trabalho visando desenvolver o projeto didático para o Ensino Médio. Nesse momento deve-se também analisar quais as etapas de interesse dos alunos porque é a partir da temática escolhida pelo discente que o professor poderá elaborar o seu projeto didático.

B) Segunda etapa - Atendimento do horizonte de expectativa

Nesta etapa, o professor deve instigar o interesse dos alunos pela temática que será abordada. Para isso, precisa lançar mão de algo que faz parte da vivência dos alunos, algo que lhe seja familiar. Neste caso, quem nunca ouviu música? É dela que o professor irá

partir neste projeto. Para este momento, a música escolhida foi “Negro Drama”, do grupo de Rap Racionais². Por possuir um estilo musical muito apreciado pelos jovens, o rap, e as letras conterem um desabafo sobre os problemas sociais enfrentados pelas minorias e as camadas mais pobres da sociedade, o rap pode ser uma ferramenta muito importante no despertar do interesse dos jovens por uma temática. Alguns desses jovens gostam da música pela batida que envolve, mas nem sempre prestam atenção no que a letra representa, um grito de luta contra as injustiças sociais. A ideia de usar a música como forma de atender as expectativas dos alunos sobre a temática a ser trabalhada surgiu quando a professora observou que os alunos costumavam trazer em suas mochilas, caixinhas de som, as quais eram motivos constantes de reclamações dos professores, inspetores e da direção. Dessa forma, as caixinhas terão bom uso na exposição da música em sala de aula, já que o rap faz parte do repertório musical dos jovens da sociedade contemporânea, principalmente os da periferia que parecem se sentir representados nas letras, o que facilitará a discussão e estimulará a participação dos alunos no projeto.

Sendo assim, o professor pedirá uns dias antes da aula a um de seus alunos que traga para a classe sua caixinha de música e com a ajuda de um pen drive colocará a música Negro Drama para ser ouvida. Os alunos neste momento devem estar dispostos em um semicírculo para que possam ver e ouvir claramente uns aos outros. Antes de o professor colocar a música para tocar deve distribuir entre os alunos a letra da música impressa. Após isso, pedirá que todos ouçam e prestem atenção na letra da música. Após ouvi-la, o professor lerá a letra em voz alta pedindo em alguns momentos a ajuda dos alunos na leitura. Em seguida, o professor deve iniciar uma roda de conversa sobre o que foi lido e ouvido por todos. Dessa forma, o docente fará as seguintes perguntas:

- Vocês gostaram da música? O que vocês sabem sobre o grupo musical que canta essa letra? O que o rap representa em suas letras?
- Algo lhes chamou a atenção na letra? O que?
- Por que vocês acham que a música foi chamada de “Negro Drama”? Quem é o “Negro Drama”?
- O eu lírico na música é alguém rico ou pobre?

²Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/drama/1495373/>>. Acesso em: 31 de março de 2019.

- Quando o eu lírico diz “O drama da cadeia e favela Túmulo, sangue, sirene, choros e velas” qual a imagem que se forma no cérebro de vocês?

<p>Desde o início por ouro e prata Olha quem morre, então veja você quem mata Recebe o mérito, a farda que pratica o mal Me ver pobre, preso ou morto já é cultural</p> <p>Pesadelo é um elogio Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu Num clima quente, a minha gente sua frio Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil</p>
--

- Vocês poderiam me dizer o que entendem por essas estrofes?:
- Vocês sabem o que é intertextualidade? A letra da música traz várias “ Forrest Gump”, “torre de babel”, “pôster do 2Pac” , “mar vermelho” “Ice Blue, Edy Rock e KL Jay”
- Qual a relação estabelecida entre a cor do eu lírico e os diamantes?
- Afinal, em poucas palavras me digam resumidamente o que a música apresenta em sua letra.

Após a discussão sobre a música dos racionais, o professor parte para a apresentação do filme “O Auto da Compadecida”. Por ser um filme muito conhecido, pois constantemente passa na TV aberta, os alunos já devem conhecer. No entanto, agora os alunos vão ser convidados a lançar um olhar crítico para o filme. Pensar nos seus personagens, seus papéis e sobre a violência social que cada um vivencia. Neste momento, pode-se até estabelecer um paralelo comparativo entre a música “Negro Drama” e “Auto da Compadecida”.

Após assistir ao filme, os alunos devem começar a traçar as relações existentes entre o filme e a música. Quem são os protagonistas? De onde essas pessoas são? Quais são as dificuldades que essas pessoas passam? O que os protagonistas fizeram para tentar sobreviver? O que a história desses personagens revela? Qual a violência que esses personagens são vítimas? É importante que os alunos percebam que os personagens de ambos os gêneros sofrem não só a violência física que eles estão acostumados a presenciar, mas a violência social, aquela

que exclui, humilha, suspeita, que o faz passar fome, que obriga a mentir, a matar e a roubar. Que antes de tudo, as pessoas são marginalizadas socialmente, usadas e renegadas pelas camadas mais alta da sociedade. Enquanto na música temos um eu lírico negro, pobre, morador de favela que ascendeu socialmente cantando rap e hoje esbraveja uma crítica aos poderosos por meio de sua música, por outro lado temos personagens pobres, nordestinos, marginalizados socialmente e condenados a uma vida de miséria. Neste último, a presença de um Deus negro que intercede pelos pobres contradiz a representação de um Deus branco, de olhos azuis e cabelos lisos que sempre nos é apresentado nos filmes, livros e revistas.

C) Terceira etapa – Ruptura do horizonte de expectativas

Neste momento, os alunos devem romper seu horizonte de expectativas, ampliando-o. Para isso, o professor lhes apresenta gêneros que não tiveram a oportunidade de serem vistos em sala de aula. Assim sendo, escolhemos a música “Olha aí meu guri”, de Chico Buarque (APÊNDICE B) e dois contos. O primeiro gênero a ser trabalhado pelo professor é a música. Primeiro, o docente deve organizar a sala em semicírculo e em seguida, distribuir a letra da música para a classe. O próximo passo é colocar a música para ser ouvida e pedir que os alunos a acompanhe com a letra impressa.

Após ouvir a música, acompanhando-a com a letra, o professor indaga os discentes: vocês já conheciam esta música? O compositor é Chico Buarque, vocês já ouviram falar dele? Sabe de quem se trata? Após responder a esses questionamentos, caso o professor perceba um desconhecimento sobre o cantor e compositor Chico Buarque é interessante que o apresente a turma, que exponha sobre sua biografia e sobre os temas e críticas que permeiam suas composições musicais inclusive fazendo referência ao período da Ditadura Militar no qual sofreu perseguições e apresentou um modo engenhoso de compor. Para esse momento, o professor pode utilizar as informações bibliográficas contidas no site da biblioteca da Universidade Federal de Lavras, disponível em: http://biblioteca.ufla.br/slbu9/?page_id=29. Além desse site, o professor se achar necessário e pertinente pode lançar mão de outras fontes de informação como livros, CDs, vídeos e outros sites.

Após conhecerem o compositor, o professor poderá propor a atividade a seguir:

- 1) O título da música apresenta um termo típico da oralidade e de uma linguagem coloquial. Qual?
- 2) O termo guri é típico de que estado brasileiro? O que ele significa em outras regiões?

- 3) Quem narra a história?
- 4) O que a escolha por um tom coloquial e o uso de um vocábulo típico de determinada região do país revelam?
- 5) Relacione e diga o que você entende pelos trechos abaixo? :

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar

Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar

e

Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí!

- 6) Qual o sentido das palavras rebento e rebentar na música?
- 7) Observe a letra da música e circule as palavras que lhes são desconhecidas e depois procure o significado no dicionário.
- 8) De acordo com a estrofe abaixo qual o emprego do personagem?

Chega no morro com carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador

Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assalto está um horror

Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar

De repente, acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí!

9) Lendo o trecho abaixo explique o que a mãe está segurando e o que ela interpreta a partir do que ela consegue enxergar? Por que o garoto está usando venda nos olhos? Afinal, ele chegou lá?

Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo

Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá

10) Faça um breve resumo sobre a história contada na música.

11) Aponte alguns temas que são abordados na música.

Após realizar a atividade, o professor fará uma roda de conversa para que todos possam compartilhar suas respostas. A discussão proposta após a atividade deve trazer os possíveis motivos que levaram o compositor a adotar uma linguagem coloquial e apontar a situação de exclusão que vive a família representada. A exclusão é tão grande que o “guri” vem ao mundo sem uma identidade e impossibilita os olhos ternos da mãe enxergarem que seu filho não está no jornal porque ascendeu socialmente, mas porque tornou-se um ladrão. A letra revela na verdade um processo histórico de exclusão no qual vive a população pobre do Brasil que já nasceu com um destino traçado e isso não deixa de ser um tipo de violência. Neste caso, a violência é mais uma vez social.

O passo seguinte será a leitura em voz alta do conto “Assalto”, de Carlos Drummond de Andrade (APÊNDICE B). A leitura deve ser compartilhada pelo professor e os alunos.

Após a leitura compartilhada o professor fará uma discussão oral sobre o conto. Sendo assim fará as seguintes perguntas:

- Por que todos saem correndo quando a mulher grita “ Isto é um assalto”?
- Qual(is) o (s) sentido (s) da palavra “assalto” no conto?
- Circule as palavras que lhes são desconhecidas no texto e procure seu significado no dicionário. Selecione o significado que se adeque ao texto.

- Ao longo do conto a história permanece a mesma ou vai mudando conforme o personagem? Por que?
- Do que a mulher no início do conto reclama e o que as pessoas começam a pensar?
- Podemos estabelecer alguma relação entre a história apresentada no conto e o que conhecemos como *fake news*?
- Em que medida o preço alto dos alimentos que compramos poderia ser considerado um tipo de violência social?

A partir desta discussão os alunos devem perceber que sempre devemos ir atrás de informações seguras para termos nossa própria leitura dos fatos e não sermos lesados. Além disso, a palavra “assalto” apresenta dois sentidos no texto, o primeiro relacionado ao aumento abusivo no chuchu e o segundo relacionado ao roubo com intuito criminoso. O alvoroço que a possibilidade de um assalto causou, revela o medo constante que o povo tem de ser vítima de uma situação como essa. A revolta da senhora que reclama sobre o preço do chuchu também revela um outro tipo de violência social, a gerada pela fome. Sabemos que milhões de toneladas de comida vão para o lixo todos os dias, mas em contraste temos milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza passando fome. Pessoas que sequer têm emprego, moradia e dinheiro para comprar alimento. Os preços altos muitas vezes não permitem que as pessoas pobres possam comprar o necessário para o sustento. Pensando nestas questões, os alunos devem se perguntar em que medida o preço alto dos alimentos não seria uma espécie de violência social.

O segundo conto é “O grande assalto”, de Férrez (APÊNDICE C).

1. Após a leitura do texto os alunos devem realizar a seguinte atividade escrita:
 - a) Como é o homem que está em frente a concessionária? Descreva-o.
 - b) Qual a aparência do homem. A forma ele está vestido influencia o modo como as pessoas o veem? O que elas pensam sobre ele?
2. A história contada é realmente de um grande assalto? Justifique sua resposta.
3. Qual é espaço em que a história acontece?
4. A história é contada em:

☐ 1ª pessoa - O narrador participa da história

☐ 3ª pessoa O narrador não participa da história, ele não é personagem, apenas conta algo que aconteceu com terceiros.

5. Descreva abaixo como o conto se inicia, qual o conflito/problema que é apresentado na história e o desfecho/ final do conto.

6. Que sentimento as pessoas sentem em relação ao homem? Você pode marcar mais de uma alternativa.

☐ Medo ☐ Solidariedade ☐ Compaixão ☐ Indiferença

7. Qual a relação entre a situação do homem mal vestido e do jovem universitário? Cite as semelhanças e diferenças entre eles?

8. Você já presenciou alguma cena de preconceito ou de violência? Escreva um ou dois parágrafos sobre isso. Caso a resposta seja NÃO, escreva como você vê esse problema em nossa sociedade.

Os alunos devem responder essas questões e entregá-las ao professor que deve lê-las e na aula seguinte abrir uma roda de conversa para que todos possam compartilhar suas respostas. Tendo lido as respostas, o professor poderá esclarecer as dúvidas e as respostas incompletas ou que não satisfizeram a questão. Além disso, pode-se ser acrescentada a discussão um pouco sobre o autor do conto que escreve por meio de um pseudônimo e seus textos são considerados pertencentes a literatura marginal. É uma oportunidade também de o professor falar sobre a literatura marginal, citar autores e os temas que a envolve. Cabe dizer que o questionário acima foi adaptado do seguinte site: <https://brainly.com.br/tarefa/11813897>.

D) Questionamento do horizonte de expectativa

Para que os alunos reflitam sobre tudo que foi visto no projeto até o momento, o docente solicitará que os escrevam um conto sobre a violência socialmente construída na sociedade, mas antes disso deverá dar aula sobre a estrutura e os elementos que deve conter o conto.

Após desenvolverem o texto, o professor lerá e corrigirá elencando os principais desvios gramaticais encontrados. A seguir, planejará uma aula que partirá das dificuldades percebidas

procurando sanar as dúvidas que tiverem. Em seguida, se achar pertinente pedirá que os alunos façam a reescrita do texto.

Assim sendo, o professor ajudará os alunos a refletirem sobre a violência social que permeia nossa sociedade e o modo como os textos literários trazem importantes reflexões sobre as formas que ela aparece bem como poderá aprimorar a escrita dos alunos.

E) Quinta etapa – Ampliação do horizonte de expectativa

Nesta etapa, os alunos devem refletir sobre os seus progressos e dificuldades. O professor abre uma roda de conversa e faz perguntas sobre o que foi trabalhado até o momento.

Assim sendo, os alunos devem discutir sobre como os futuros projetos poderiam ser melhorados? Que temas eles acham interessantes serem trabalhados? O que deveria mudar ou continuar? E como é a visão deles sobre a literatura hoje? Eles conseguem perceber que o texto literário é em parte uma representação da realidade que eles vivem e que os autores se inspiram nessa realidade para criar seus textos e tecer críticas sobre as injustiças sociais, diferentemente dos jornais que apenas relatam fatos, notícias de violência? Nesta etapa, os alunos devem perceber que a literatura não é algo distante das suas vivências, mas que se entrelaça a realidade e a transfigura, na medida em que transcende essa realidade e faz o leitor ir até lugares longínquos nunca antes imaginados por ele.

F) Avaliação

A avaliação deve resultar do progresso dos discentes, sua participação nas atividades em sala, tanto nas individuais quanto em grupo, além de considerar as atividades aplicadas, reconhecimento e compreensão dos gêneros da esfera literária e de diferentes linguagens. Lembrando que nesta etapa, o mais importante para o discente não ter feito certo ou errado, é ter discutido e refletido sobre o que estava sendo apresentado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as dificuldades que os docentes enfrentam no que concerne à leitura e à escrita dos alunos. Diante disso, buscamos a partir *do método recepcional* elaborar um projeto didático que aliasse teoria e prática unindo neste processo o ensino de língua e literatura.

Para isso, acreditamos com Cosson (2014, p.47) que “o texto a ser lido precisa ser motivador do leitor e essa motivação passa necessariamente pela sua história de vida, a sua história de leitor”. Dessa maneira, na elaboração do projeto didático consideramos o interesse dos discentes pela temática da violência e buscamos utilizar textos que de alguma maneira tivessem relação com a história de vida dos discentes e da comunidade, principalmente, quando levamos em consideração o ambiente em que a escola e os alunos estavam inseridos, no qual relatos de casos de violência são recorrentes.

Além disso, concebemos a teoria como elemento fundamental para a prática do professor em sala de aula. Quando usada de maneira reflexiva, pode ser de grande valia posto que é a partir dela que o docente pode repensar metodologias adotadas, a adequação do conteúdo às necessidades dos alunos e o planejamento escolar de modo a contribuir para o ensino da literatura, da leitura e da escrita nas escolas. Pensando assim, este trabalho traz um projeto didático que possa ajudar o professor em sala de aula a melhorar a leitura e a escrita dos alunos a partir do texto literário, fazendo-o perceber que a teoria e a prática devem caminhar sempre juntas.

Além disso, buscamos apresentar o *método recepcional* e a *análise linguística* como recursos metodológicos para o ensino da língua materna colocando o texto e o aluno como os protagonistas que devem ser em sala de aula. Esperamos que este trabalho possa estimular os professores a pesquisarem e quem sabe adotarem os procedimentos metodológicos adotados e que possam a ir em busca de outros que os possam a partir das dificuldades que enfrentem ajudá-los a melhorarem o ensino de língua nas escolas.

Cabe dizer, por fim, que este trabalho não fica por aqui, iniciamos a aplicação do projeto na escola a partir da sondagem, mas nos comprometemos em levá-lo adiante para que possamos analisar os resultados, diante das necessidades, aprimorá-lo e, posteriormente, publicá-lo em eventos relacionados ao ensino, compartilhando assim o conhecimento adquirido, afinal, como afirma poeticamente, Cora Coralina “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera; BORDINI; Maria da Glória (1993). **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Assalto**. Disponível em: <https://sanderlei.com.br/PT/Ensino-Fundamental/lingua-portuguesa-01-17>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- BUARQUE, Chico. **Olha aí, meu guri**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/66513/>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise Linguística: afinal, a que se refere?**. São Paulo, Cortez, 2013.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **Lei nº 9.394/96**. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 15 de fev. 2019.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Acesso em: 22 jan. 2019.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERREZ. **O grande assalto**. Disponível em: <https://brainly.com.br/tarefa/11813897>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- FLÔRES, Onici Claro; ROLLA, Angela da Rocha. O que é ensinar língua portuguesa para falantes nativos, e o que esse ensino implica. **In: Ensino de língua e literatura: alternativas metodológicas**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- FRANCELINO, Pedro Farias. A construção da competência leitora em aulas de Língua portuguesa: saberes necessários à formação docente. **In: Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.) 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.
- FILMES, Globo. Filmes: O auto da Compadecida. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/OAutodaCompadecida>. Acesso em 10 abr. 2019.
- LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- SEGABINAZI, Daniela Maria. O lugar da Literatura no Ensino Médio no século XXI: situando a educação literária na “área” linguagens, códigos e suas tecnologias. **Educação literária e a formação docente: encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na Universidade do século XXI**. 2001. P. 96 – 1936. Tese de Doutorado em Letras,

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001. Disponível:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6177>. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

SEGABINAZI, Daniela Maria. Aula de literatura – costurando leituras com fiapos de memórias. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.22, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579617.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

SILVA, Joseli Maria da. Gêneros Orais na Escola: é proibido fazer silêncio! **In: Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. PEREIRA, Regina Celi Mendes (org.) 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Ano: 1º ano

Tempo estimado: 40h/aulas

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

OBJETIVOS

- **OBJETIVO GERAL**

Estimular o interesse dos alunos pela literatura e incentivar a ampliação do repertório de leitura através de temas relacionados a violência social

- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Desenvolver a oralidade a partir de discussões, debates, participações
- Ler e compreender diferentes gêneros
- Relacionar assuntos abordados por diferentes gêneros
- Realizar atividades práticas de leitura e escrita

CONTEÚDOS

- A música “Negro Drama” do grupo de rap Racionais
- O filme “O Auto da Compadecida”
- Música “Olha aí meu guri”, de Chico Buarque
- Conto “Assalto”, de Carlos Drummond
- Conto “O assalto”, de Férrez
- Produção textual sobre a violência no município do Conde - PB
- Escrita e Reescrita da produção textual

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Folhas de ofício
- Impressora
- Caixinha de som

- Datashow

APÊNDICE B – MÚSICA “OLHA AÍ MEU GURI, DE CHICO BUARQUE

O Meu Guri

Chico Buarque

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar

Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim, levando, ele a me levar
E na sua meninice
Ele um dia me disse que chegava lá

Olha aí!

Olha aí!

Olha aí!

Ai, o meu guri, olha aí!

Olha aí!

É o meu guri e ele chega

Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí!

Olha aí!

Ai, o meu guri, olha aí!

Olha aí!

É o meu guri e ele chega

Chega no morro com carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assalto está um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar

De repente, acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí!

Olha aí! (Ah, olha aí)
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)
Olha aí! (Ah, meu guri)
É o meu guri e ele chega (olha aí meu guri)

Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá

Olha aí!
Olha aí!

Olha aí! (Ah, olha aí)
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)
Olha aí! (Ah, meu guri)
É o meu guri (olha aí meu guri)

Olha aí! (Ah, olha aí)
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)
Olha aí! (Ah, meu guri)
É o meu guri (olha aí meu guri)

Olha aí! (Ah, olha aí)
Ai, o meu guri, olha aí! (Ah, olha aí meu guri)
Olha aí! (Ah, meu guri)
É o meu guri (olha aí meu guri)

Olha aí! (Ah, olha aí)
Ai, o meu guri

APÊNDICE C – CONTO “ASSALTO, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A S S A L T O

Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:

- Isto é um assalto!

Houve um reboliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?

- Um assalto! Um assalto! - a senhora continuava a exclamar, a quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia.

- Olha o assalto! Tem um assalto ali adiante!

O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador (hoje, cobrador), um passageiro advertiu:

- No que você vai a fim de ver o assalto, eles assaltam seu caica.

Ele nem escutou. Então os passageiros também acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem, desde a idade da pedra até do módulo lunar.

Outros ônibus pararam, a rua entupiu.

- Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.

- É uma mulher que chefia o bando!

- Já sei. A tal dondoca loura.

- A loura assalta em São Paulo. Aqui é a morena.

- Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.

- Minha Nossa Senhora, o mundo está virado!

- Vai ver que está caçando é marido.

- Não brinca numa hora dessas. Olha aí, sangue escorrendo!

- Sangue nada, tomate.

Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria. As vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia joias pelo chão - braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram, na pressa, era agora objeto de saque popular. Morreram no mínimo duas pessoas, e três estavam gravemente feridas.

Barracas derrubadas assinalaram o ímpeto da convulsão coletiva. Era preciso abrir caminho a todo custo.

Os edifícios de apartamento tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar a pele e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:

- Pega! Pega! Correu pra lá!

- Olha ela ali!

- Eles entraram na Kombi ali adiante!

- É um mascarado! Não, são dois mascarados!

- Ouviu-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar-no-chão geral, e como não havia espaço, uns caíram por cima de outros. Cessou o ruído. Que assalto era esse dilatado no tempo, repetido, confuso?

- Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor-de-barriga, pensando que era metralhadora.

Caíram em cima do garoto, que soverteu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:

- É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!

Disponível em: <https://sanderlei.com.br/PT/Ensino-Fundamental/lingua-portuguesa-01-17>

APÊNDICE D – CONTO “O GRANDE ASSALTO”, DE FERREZ

O Grande Assalto

Avenida Santo Amaro.

Às 13 h.

Um homem malvestido para em frente a uma concessionária de automóveis fechada e nota as bolas promocionais amarradas à porta.

Um policial desce da viatura, olha para todos os lados e observa um suspeito parado em frente a uma concessionária.

O suspeito está malvestido e descalço.

Uma senhora sentada no banco do ônibus que para na avenida para pegar passageiros comenta com a moça sentada ao seu lado que tem um mendigo todo sujo parado em frente a uma loja de automóveis.

Um senhor passa por um homem todo sujo, segura a carteira e começa a andar apressado. Logo que nota a viatura estacionada mais à frente, se sente seguro, amenizando os passos.

Um jovem tenta desviar de trás do ônibus parado, os policiais que ele vê logo à frente lhe trazem desconforto, pois seu carro está repleto de drogas que serão comercializadas na faculdade onde estuda.

O homem malvestido resolve agir, dá três passos à frente, levanta as mãos e agarra duas bolas promocionais; faz a conta rapidamente e se sente realizado, quando pensa que ao vender as bolas comprará algo para beber. Uma moça alertada pela senhora ao seu lado no ônibus, chama a atenção de vários passageiros para o homem que, segundo ela, é um mendigo, e diz alto que ele acabou de roubar algo na concessionária.

Um jovem com o carro cheio de drogas para vender na sua faculdade nota o homem correndo com duas bolas e dá ré no carro ao ver os policiais vindo em sua direção.

Um policial alcança o homem malvestido e bate com o cabo do revólver em sua cabeça várias vezes; o homem tido como mendigo pelos passageiros de um ônibus em frente cai e as bolas rolam pelo asfalto.

Um motorista que dirige na mesma linha há oito anos tenta ficar com o ônibus parado para ver os policiais darem chutes e socos em um homem malvestido que está caído na calçada, mas o trânsito está livre e ele avança passando por cima e estourando duas bolas promocionais.

FERRÉZ, **Ninguém é inocente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.